

3. Tipos de violência escolar

Consideramos violência,¹ tudo aquilo que fere, destrói, agride ou machuca as pessoas – ações que não preservam a vida e/ou prejudicam o bem estar tanto individual, quanto social. Como existem inúmeros fenômenos que correspondem a essa definição, podemos categorizar a violência da seguinte forma:

– A violência pode ser, tanto física (quando ações ou comportamentos põem em risco a integridade física do indivíduo, por exemplo, soco, chute, uso de armas etc.) como simbólica (quando as ações e comportamentos trazem riscos à integridade psíquica e emocional do indivíduo, por exemplo, ironia, intimidação, humilhação);

– A violência pode ser tanto “macro” (quando suas consequências atingem um grande número de pessoas, por exemplo, crime organizado, a fome, a corrupção, a exclusão etc.) como pode ser “micro” (quando suas consequências são sentidas nas relações cotidianas, pessoais, nos indivíduos, por exemplo, agressão verbal, agressão física, “pressão da turma” etc.).

Dessa maneira, todo ser humano é potencialmente violento (já que tem a capacidade de emitir comportamentos violentos), mas sua violência latente pode não se manifestar se não houver estímulos suficientes para desencadeá-la. Qualquer um de nós pode matar alguém, se isso for necessário para defender sua vida ou a de outrem que considere importante.

O cotidiano escolar tem sido marcado por todo tipo de atitudes chamadas de violentas. Desde uma simples agressão verbal a um colega ou professor, passando pela depredação do prédio público culminando muitas vezes em casos de assassinato de aluno ou professor.

A análise a qual se faz referência, leva em conta a violência escolar de maneira ampla, não buscando um sentido universal, mas, a partir do seu significado para os distintos atores e grupos que compõem a escola como um todo. Este amplo

1 Neste sentido, violência, comportamentos agressivos e agressão, englobam os mesmos fenômenos.

e complexo espectro de manifestações impõe a necessidade de categorização a fim de melhor compreender o fenômeno no ambiente escolar.

Para isso, discriminam-se as diversas situações existentes de violência dentro das escolas, como: violência contra a pessoa, expressa verbal ou fisicamente; as ameaças, brigas, violência sexual, a coerção mediante o uso de armas; violência contra a propriedade: furtos, roubos, assaltos; violência contra o patrimônio, especificamente o vandalismo e a depredação das instalações escolares.

3.1. Violência contra a pessoa

3.1.1. Ameaças

As ameaças, são tidas como promessas explícitas de provocar danos ou de violar a integridade física ou moral, a liberdade e/ou os bens de outrem. Os principais motivos de ameaças são as desavenças ocasionadas por notas, pelo nível de exigência e também pelas falhas disciplinares cometidas em sala de aula: “O professor, se ele não for um pouco bonzinho (...) acaba sendo alvo de ameaças; se o professor for muito exigente em tudo, ele é ameaçado mesmo” (Professora entrevistada de uma escola pública no Eusébio).

As retaliações físicas depois do horário escolar e fora do estabelecimento de ensino, são a forma mais comum de ameaça: “Olha, se a senhora me denunciar ao diretor e eu for prejudicado, ou se ele me der uma suspensão, a senhora vai ver o que vai acontecer lá fora”. E observando mais, as ameaças se estendem aos membros do corpo administrativo. As ameaças aos diretores geralmente acontecem quando estes recorrem a punições mais severas, como suspensões e expulsões. O depoimento a seguir retrata um caso extremo em que os agressores são de fora da escola e agem em defesa de um aluno considerado injustiçado:

Eu assumi a direção da escola substituindo um diretor que foi afastado depois de ter sofrido uma ameaça aqui dentro da escola. Um dos alunos foi preso por homicídio e a turma dele veio pedir uma declaração de que ele estava na escola no momento, um álibi. E aí ele, o diretor anterior, se recusou a dizer que o homem estava na escola porque ele já a tinha abandonado há algum tempo. Um bando invadiu a escola, obrigou o diretor a fazer a declaração, dizendo que ia matar a família toda (...) Ele pediu aposentadoria, que já tinha tempo e se afastou. Foi nessas circunstâncias que eu assumi e tenho sofrido ameaças aqui. (Entrevista com

diretor, escola pública, Rio de Janeiro. Entrevista disponível no site: www.geocites.com.br/violencias.)

As ameaças podem ou não se concretizar em violências físicas, o que gera um clima de tensões cotidianas. Relatos indicam que algumas delas, efetivamente passam a agressões físicas por parte dos alunos e isso acontece quando são colocados para fora da sala de aula ou são suspensos e/ou são proibidos de entrar por terem chegado atrasados. Devido ao clima de intimidação na escola, é freqüente que professores/diretores e outros membros do corpo técnico administrativo, expressem sentimentos de insegurança. Até mesmo pais de alunos os ameaçam com danos materiais, conforme depoimento de um professor que se segue: “*A mãe é meio rebelde, muitas vezes ela fala: Professor, se cuida aí, teu carro, você se cuida ou vai ser arranhado*”.

Sem verbalizar diretamente, os estudantes reagem, de maneira violenta, a rotinas adotadas pelos professores e consideradas violentas, e em geral, reagem ao poder que a escola tem, com relação a manter a disciplina e as exigências das regras de aferição ao conhecimento.

3.1.2. Brigas

As brigas representam uma das modalidades de violência mais frequentes nas escolas, com ampla multiplicidade de sentidos, abrangendo desde formas de sociabilidade juvenil, até condutas brutais. Este tipo de agressão entre alunos manifesta-se inicialmente por ataques verbais proferidos pelos mesmos. É quando se torna difícil estabelecer demarcações precisas entre tipos de violências, como brigas e ameaças. O mais comum nas escolas parecem ser situações – limite entre bate – bocas e discussões.

Em um primeiro momento, as ocorrências menos severas, como xingamentos, desaforos ou agressões verbais em geral, são pensadas mais como precursores de ocorrências graves do que como práticas violentas em si. Quando se limitam ao enfrentamento verbal podem se resolver pelo diálogo e negociação. Em outros casos, mesmo começando como troca de ameaças e desaforos, ofensas e provocações, agravam-se até chegar às agressões físicas, que requerem, muitas vezes, o envolvimento da polícia.

As brigas são consideradas acontecimentos corriqueiros, sugerindo a banalização da violência e sua legitimação como mecanismo de resolução de conflitos. Observa-se numa escola do Eusébio, que os alunos brigavam dentro da sala de aula e não tinham o mínimo respeito entre si, com apelidos, jogam papel uns nos outros e daí

começam as confusões. Professores relataram que brigas eram frequentes.

Muitas vezes, brigas ocorrem como continuidade de brincadeiras entre alunos, podendo ter ou não conseqüências mais graves. Entretanto, constata-se que, há brincadeiras cuja própria natureza, envolve a violência que “*começam na brincadeira e acabam em pancadaria*”.

Entre os fatores que desencadeiam a violência como as brigas, destaca-se o “encarar”. Trata-se de uma maneira diferente, que pode significar, para os jovens, a quebra de uma regra tida como básica no ritual da comunicação não – verbal. O olhar direto e indireto é assumido como desrespeitoso, desafiador e leva a confrontos: “*Está me encarando por quê? Está implicando comigo?*”. Também o esbarrar no outro, mesmo sem querer, pode ser interpretado como atitude pouco cuidadosa e de provocação, possibilitando desencadear brigas violentas:

é o cara que se você esbarrar nele, pode jurar que já está morto, mas morto mesmo. Teve uma confusão aqui, pegaram o aluno e esfregaram a cara dele na parede e jogaram ele nos espinho, aí tiveram que cortar as flores que tinham espinhos para evitar outras confusões. (grupo de alunos de escola pública no Eusébio)

Os alunos entrevistados sobre, quais já foram agredidos ou espancados, responderam:

TABELA 3.1. Relatos de alunos de escolas públicas sobre agressões ou espancamentos por outros alunos

INFORMANTES	ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE EUSÉBIO	ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE FORTALEZA	ESCOLAS DO ESTADO DO CEARÁ
ALUNOS AGREDIDOS E ESPANCADOS AFIRMATIVO	22	26	15
ALUNOS AGREDIDOS E ESPANCADOS NEGATIVO	28	24	35
TOTAL	50 ALUNOS ENTREVISTADOS	50 ALUNOS ENTREVISTADOS	50 ALUNOS ENTREVISTADOS

Solicitou-se aos informantes que marcassem com um “x” as escolas em que eles sabiam já ter ocorrido agressão ou espancamento de alunos.

FONTE: Dados da pesquisa.

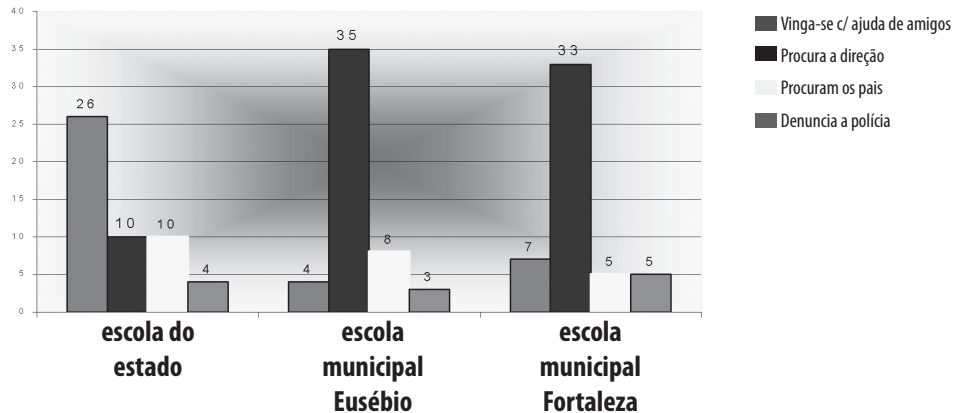
De acordo com as informações registradas na tabela anterior, podemos constatar que, 42% dos alunos em média, relataram ter ocorrido agressões e espancamentos na escola onde foram entrevistados. Os percentuais de estudantes que informaram saber da ocorrência, na escola em que estudam, de agressões ou espancamentos a alunos, variam entre 14% a 22% nas escolas do Município de Eusébio e Fortaleza, em comparação com as do estado.

Em busca de pistas para políticas e programas contra violências nas escolas, é importante cuidar das diferenças entre universos simbólicos que permitem melhor compreensão de como se comportam os membros da comunidade escolar em face da violência. Como vem se destacando, são comuns as discrepâncias entre o que registram alunos e o que registram os professores/diretores. Isso pode significar a presença de barreiras na comunicação, divergência de perspectivas e de concepções da realidade, possivelmente expressando conflitos entre tais sujeitos.

Ganham destaque algumas atitudes violentas, por parte dos jovens, como atos que visam a proteção de amigos ou de pessoas consideradas mais fracas. Neste sentido, parece haver uma cumplicidade, que tem expressão no campo da violência, sendo muito significativo o argumento – presente em todas as escolas pesquisadas – de que muitos jovens se envolvem em brigas para defender um amigo. Essa relação de proteção ao amigo é percebida como um valor fundamental entre jovens. Por outro lado, é com base nesse companheirismo que muitos alunos, em vez de procurar solucionar as agressões sofridas recorrendo aos canais institucionais existentes, pedem ajuda aos colegas para vingar-se.

O Gráfico 3, a seguir, mostra que os alunos também pouco recorrem aos seus pais ou responsáveis, ou aos policiais para solucionar as agressões eventualmente sofridas na escola. Nas escolas do estado do Ceará, a maioria vinga-se com a ajuda dos amigos, já as escolas do Município de Eusébio e a do Município de Fortaleza, procuram a direção da escola.

GRÁFICO 3.1. Relatos de escolas públicas sobre formas de reagir a agressões*



* Perguntamos a cada informante: “na sua escola, quando um aluno sofre agressão, o que ele, geralmente, faz?” e pedimos para que marcassem só uma resposta. Os alunos que fizeram parte da pesquisa foram de escolas do município de Eusébio, do município de Fortaleza e do estado do Ceará.

Alguns entrevistados, afirmam existir brigas, com tapas, socos e pontapés, entre estudantes inclusive as alunas, sendo relatado que uma delas *pegou a cadeira e tacou na cara da menina*. Em muitos casos, parece que os alunos não conseguem se comunicar, conversar e resolver os seus conflitos, iniciando discussões que terminam em violência física: *o problema todo começa no bate – boca, sabe? Aí vai indo, vai indo e quem está dentro começa a ferver. Aí já sai na porrada*.

Vale enfatizar, portanto, que os dados quantitativos e qualitativos sugerem a prevalência, entre os alunos, de um padrão de comportamento, que descarta o recurso à autoridade policial ou à ajuda familiar em favor do exercício privado da violência, praticada em grupo, o que pode estimular a disseminação de atitudes favoráveis a novos confrontos. Esse padrão de reação a agressões e/ou enfrentamentos violentos entre terceiros, parece ser um importante componente de uma cultura que incorpora a própria violência ao universo dos alunos, manifestando-se, seja como prontidão ou estado de alerta diante das ocorrências, seja como efetivo envolvimento nos eventos violentos.

3.1.3. Violência sexual

Nesta pesquisa, enfatiza-se como violência sexual, todas as formas de intimidação sexual, como: olhares, gestos, piadas, comentários obscenos, exposições e de abusos, como: propostas, insinuações, contatos físicos aparentemente não intencionais e também, fofocas, frases, desenhos nas carteiras e banheiros.

Há depoimentos que demonstram a diversidade de formas e a ambigüidade na classificação de uma ação como violência sexual, que vai desde “brincadeiras” até estupros. Na maioria das vezes, os alunos referem-se a abordagens verbais, dentre elas “brincadeiras” que podem gerar constrangimentos àqueles aos quais são dirigidas: *não são brincadeiras inocentes* (depoimento de aluna). *São grosseiras que não tem cabimento (...)* (depoimento de aluna), mas que muitas vezes fazem a pessoa calar e fingir que não escuta, ou seja, *a gente tem que fingir que não tá nem aí*.

Em outros casos, essas abordagens são vistas como normais: *Isso aí é normal! A gente anda por aí assim, tanto de coisa que falam!* (depoimento de aluna).

As “brincadeiras” e comentários jocosos, podem ser dirigidos pelos alunos aos professores e vice-versa, dando continuidade a observações e comentários sobre atributos físicos, feitos durante as aulas.

O estupro é considerado uma das 5 ações mais violentas pelos alunos; as indicações variam de 80% a 90% em todas as escolas entrevistadas, conforme a tabela a seguir.

TABELA 3.2. Alunos, por escola, que consideram o estupro uma das cinco ações mais violentas*

AÇÕES MAIS VIOLENTAS	ESCOLA EVANDRO AYRES DE MOURA (EUSÉBIO)	ESCOLA TRISTÃO DE ALENCAR (FORTALEZA)	ESCOLA ANA BEZERRA DE SÁ – ANEXO (ESCOLA DO ESTADO)
ESTUPRO	40	45	45
OUTROS	10	5	5
TOTAL DE ALUNOS ENTREVISTADOS	50	50	50

* Solicitou-se aos informantes: “Entre as opções a seguir, marque as cinco que você considera mais violentas”. As alternativas eram “estupro” e “outros” (roubos, assaltos com arma, morte com tiros).

FONTE: Dados da pesquisa.

No discurso dos inspetores, a descoberta da sexualidade pelos alunos, pode ser causa de problemas no andamento das atividades escolares. O banheiro torna-se um lugar de abuso sexual, ficando clara a utilização desse ambiente para forçar as meninas a *transar, passar a mão: os meninos querem pegar as meninas à força para beijar na boca, essa coisa de ir para o banheiro e querer entrar no banheiro das meninas*. Outros comentários que existem é que, a culpa da violência sexual para com as meninas é que elas é que provocam os rapazes, por usarem um tipo de roupa “diferente”, insinuante, como shortinhos, saíngas: *As mulheres não tem mais nem blusa. É só um negócio nos seios, a barriga toda de fora e sempre mostrando a pontinha da calcinha pra ficar mais sensual*. Tal atitude reforça o preconceito de que o assédio sexual se dá a partir da provocação feminina.

Tentando controlar os atos supostamente provocadores por parte das alunas, a Direção das escolas pesquisadas supervisionam o tipo de roupa usada pelas meninas:

Alunas aqui, não entram nem de saias curtas, nem com miniblusas, para evitarmos as confusões causadas por causa disso (...), era demais, as meninas de uma certa forma, exageravam no tipo de roupa. Quando elas insistem muito, voltam do portão, dou um tempo para ainda voltarem pra escola, algumas vão em casa, se trocam e voltam, outras não, ficam com raiva e só voltam pra aula no dia seguinte! (Entrevista com diretora da Escola do Eusébio)

3.1.4. Uso de armas

O recurso às armas em brigas e conflitos, nesses tempos do agravamento da violência na sociedade, chega em grande medida à escola. Levar uma arma para o ambiente escolar, significa para os jovens, a intenção de: realizar um crime, ou impor respeito, ou defender-se ou proteger-se.

Tanto a literatura nacional quanto a internacional, frisam que a disponibilidade de uma arma aumenta, a média que ocorram confrontos e de que as pessoas envolvidas numa alteração percam o controle, passando à violência extrema, o homicídio. Também é comum na literatura que, o uso de armas, ganhe significado de símbolo de poder com marcas de gênero, ou seja, de demonstração de masculinidade. Mas registra-se principalmente que as armas são usadas no ambiente escolar para intimidação física e, segundo alguns alunos, “para defesa”.

As armas mais comuns encontradas na pesquisa foram: estiletes, tesouras,

correntes, revólveres de brincadeira, punhais, facas, ferrinhos pontudos, canivetes. As armas de fogo não aparecem nesta pesquisa, mas, a UNESCO realizou pesquisa em 2001 sobre a presença das armas de fogo usada por alunos dentro das escolas e o resultado foi o seguinte:

TABELA 3.3. Alunos de diferentes capitais das unidades da federação indicando os tipos de arma utilizados nas ocorrências violentas dentro da escola. Pesquisa de 2001*

ALUNOS	CE	PE	BA	RJ	SP
ARMAS DE FOGO	34	40	34	43	50
OUTRAS ARMAS	66	60	66	57	50
TOTAL	100	100	100	100	100

* Perguntou-se aos informantes: “Quais armas são mais utilizadas?” e foi pedido que eles marcassem todas as armas que conheciam.

FONTE: Pesquisa nacional: violência, AIDS e drogas nas escolas. UNESCO, 2001. Disponível no site: www.paulodellarosa.com.br.

De acordo com a pesquisa anteriormente mencionada, as armas de fogo usada por alunos, são muito elevados, chegando a quase metade das indicações, como em São Paulo.

O fato das armas – de fogo ou não – estarem generalizadamente associadas às ocorrências violentas nas escolas contribui para disseminar o sentimento de insegurança e para neutralizar o seu porte, assim como, para justificar a sua adoção como instrumento de defesa. Em outras palavras, mesmo que as armas de fogo não assumam uma predominância absoluta, assusta a sua presença na escola, assim como os percentuais mais elevados para as armas brancas.

Além das armas já citadas, recorre-se para a intimidação as armas de brinquedo,² que podem criar uma situação de caos nas escolas. Depoimentos das diretoras das três escolas pesquisadas, dão conta de um número crescente de alunos que vão às escolas com armas de brinquedo. Segundo as diretoras, os “brinquedos” são verdadeiras réplicas que confundem qualquer pessoa,

2 O Art. 10 da Lei nº. 9.437, de 20/02/1997, aponta como crime “utilizar arma de brinquedo, simulacro de arma capaz de atemorizar outrem, para o fim de cometer crimes”. (Código Penal)

principalmente os leigos: *“A gente que não conhece, pensa que é verdade. Já levei alguns sustos de ver crianças armadas na escola, mas era de brinquedo.”*

O recurso aos brinquedos indica a importância das armas no imaginário dos alunos, servindo como um estímulo para aumentar o gosto e o desejo de aquisição do produto verdadeiro, segundo uma diretora: *É um sinal que esse aluno daqui a pouco vai querer também ter uma arma verdadeira e agente não sabe até que ponto vai intenção desse aluno.*

A reação por parte das diretoras em relação ao uso das armas brancas e de brinquedo foram as de proibir o uso de estiletes pelos alunos, passando apenas os professores a poder usar o apontador e/ou estilete para apontar os lápis, e apreender as armas como faquinhas e revolveres de brinquedo. A presença de qualquer tipo de armamento, sinaliza não somente violências efetivas e explícitas, mas também cenários que banalizam violências, já que as armas, mesmo quando não acionadas, tornam-se constituintes do cenário escolar.

Entre alunos, há queixas de que não há medidas eficazes para inibir a entrada de armas nas escolas. Pode-se perceber que, nas três escolas pesquisadas, há uma preocupação com os estudantes, para que haja um efetivo controle da entrada de pessoas armadas, pois não existe nenhuma segurança, *se o aluno quiser entrar armado, ele entra mesmo.*

Algumas opiniões de professores das escolas pesquisadas, também demonstram suas limitações ao se tentar coibir a entrada de alunos armados, *para ter a certeza a gente tem que ver ele com a arma na mão...*

3.2. Violência contra a propriedade

3.2.1. Roubos e furtos

A diferença entre roubos e furtos se daria no seguinte contexto, em que o furto ocorre sem a percepção da vítima e não tem a agressão. Já para o roubo acontecer, seria usado a agressão, o uso de armas para intimidar a outra pessoa. Entretanto, o termo roubo, costuma ser usado em ambas as acepções, não havendo uma consciência clara da diferença entre roubo e furto.

Aparecem concretizados, nos depoimentos, inúmeros relatos de furtos e roubos dentro das escolas, mais especificamente, dentro da sala de aula. O furto geralmente ocorre sem a percepção da vítima. Geralmente são objetos pessoais, como canetas, estojos, borrachas, dinheiro, celulares, bolsas. Tanto alunos como

professores interpretam esses furtos como resultado de inveja e ressentimento por não terem condições de possuir os mesmos bens e também por não gostar: *tem aquela pessoa que não gosta de você e sabe que você tem certa coisa, vai lá e rouba*. As observações dos educadores mencionam também que, as diferenças sociais de jovens mais pobres estimulam a roubarem, com vistas a equilibrarem a diferença de status social entre eles.

A gente teve aqui o caso de uma aluna, onde as canetinhas e todo o estojo foi levado por duas vezes. Eu adverti que não havia necessidade de trazer novamente, pois o padrão deles aqui, não permitia aquela variedade toda de material. (Entrevista com uma das diretoras)

Características comportamentais da juventude também foram apresentadas como justificadas para os pequenos furtos, sendo até considerados atos normais da idade, segundo depoimento de professores das escolas pesquisadas: *Coisa de adolescente. Às vezes o adolescente gosta de ousar, gosta de ser diferente, isso geralmente ocorre na adolescência. Mas hoje, quem rouba isso, mais tarde poderá roubar muito mais*.

Uma das diretoras afirmou que houve roubos de bens patrimoniais, principalmente os equipamentos eletrônicos, como computadores, tv's e vídeos e que esses roubos foram praticados por pessoas que conheciam a escola:

Nós já tivemos aqui, roubo no colégio, onde roubaram 2 computadores, uma tv e um vídeo. Os policiais alertaram para isso: 'será que não é informação de algum aluno?' Então eu não sabia dizer. Ninguém identificou nada. Sabe-se que o ladrão sabia onde estavam os objetos, onde eram as salas que tinham esses bens. E só quem sabe de tudo isso são os alunos e os funcionários. (Entrevista com a diretora da escola Evandro Ayres de Moura, do município de Eusébio)

Por causa disso, salienta-se que há uma certa intolerância e fragilidade dos referenciais éticos entre alunos, por mais que de fato sejam questionáveis os comportamentos exibicionistas, como objetos caros por exemplo.

3.2.2. Depredação da escola

Para muitos estudiosos do tema Violência nas Escolas, a depredação surge como um ato de reação social contra a escola. Guimarães (1996) associa a pobreza à periculosidade do bairro em que a escola está inserida, onde há uma relação tácita entre a depredação e a pobreza, ela ainda diz que, quando há atos

de vandalismo contra a escola, vem a vigilância e a escola passa a funcionar como prisão, esquecendo-se da tarefa de educar o cidadão, passando a usar de regras rígidas e opressivas que levam os alunos à evasão escolar e a uma crescente depredação da escola. Guimarães (1996, p. 25) menciona ainda que, “tanto os pobres quanto os ricos depredam a escola, porém cada classe social faz uma apropriação diferente dessas ações”. Na percepção da autora, existem os que são vândalos e depredam por simples diversão e existem os que quebram, por não sentirem o público como algo que lhes pertença. Nesse sentido, a escola é um dos alvos prediletos pois vai contra tudo o que diz defender: “Se diz democrática, mas não o é; diz que prepara para vida, mas não o faz; é lugar do novo, mas propaga o velho” (GUIMARÃES, 1996, p. 25)

Uma das diretoras das escolas pesquisadas afirmou que a causa da depredação, é próprio do

instinto de destruição dos alunos, como se fosse algo já enraizado no seu íntimo. O instinto de destruição de alguns alunos é muito forte... Eu acho que no íntimo, até a própria quadra do ginásio, que serve pra eles, é difícil de conservar, porque eles quebram as traves, os bancos, os banheiros. E aqui no nosso bairro, não tem um clube nem outra área de lazer, a não ser esse ginásio”. (Entrevista com a diretora da escola do município de Eusébio)

Ainda outros depoimentos de professores das escolas pesquisadas que afirmam que a depredação sinaliza a ausência de um sentimento de compartilhamento daquilo que é coletivo: carteiras, banheiros, portas, salas de aula, que geralmente são vistas como partes da escola e eles não vêem como instrumentos que possibilitem o crescimento pessoal dos alunos. Ou seja, a escola ainda se encontra distante do aluno e eles se comportam de acordo com o ambiente em que se encontram, se tá bonito, conserva e se tá feio, quebra mais ainda.